



Lúcio Brasileiro
Jornalista

// Francisco Newton Quezado Cavalcante

Sob as muitas faces da persona, o homem encoberto pela verdade aparente daquilo que é

“Quer que eu carregue a sacola?” – pergunta uma das repórteres. “Não, não é preciso” – o senhor responde, resoluto, feito quem aprendeu a dispensar certas gentilezas atraídas pela idade que não revela. Pra lá de 70, dizem as estimativas. O pensamento rápido, a ligeireza do andar e o tempo contado para a entrevista revelam o homem que tem pressa para viver. Os muitos anos atravessados não são o bastante. Para Paco, ainda há muito por vir.

“Se uma pessoa não gostar de mim é mau caráter ou doida”, diz do alto de seu amor próprio. Lúcio Brasileiro é apaixonado por si, admirador incontestado de sua obra. E assusta pela franqueza da altivez. O talento está em falar o que pensa sem pensar na avaliação alheia. Jornalista nascido nas crônicas do futebol, foi recebido por uma alta sociedade que podia ser feita somente dele próprio, muitos dele. Escaparia do tédio, ao menos. Cinquenta e seis anos depois da primeira coluna, já não resta paciência para fazer a “social”.

O orgulhoso filho de dona Nair com seu Natalício, quisera fosse o único, Francisco Newton Quezado Cavalcante está em algum lugar das recordações entre a infância abastada, em Aurora, e o começo de seus melhores dias, em Fortaleza. Menino rico, fruto de um mimo que teve de dividir com seis irmãos, a determinação em se tornar o que queria ser veio cedo. Aos 15, batia na porta da *A Gazeta de Notícias*, um dos tantos jornais da capital em 1955. O único que resistia às firulas do colunismo social.

Apadrinhado, o garoto abateu a aversão dos conservadores, consolidou o espaço que lhe deram e fez dali um pedestal, o primeiro a abrigar o personagem envolto em luxo, lendas e histórias reais do Jornalismo, das festas, das famílias com brasão, da cidade, enfim, que se confundem com a dele próprio. Não se acanhou em afrontar os Brasileiro legítimos e, sem cerimônia, tornou-se o autêntico Lúcio Brasileiro – assinatura de quem transita entre o idealizado glamour do passado e a realidade sem confetes do presente.

Paco é simples. Desfila todos os dias entre os nativos do Cumbuco (praia onde mora, a 30 km da Capital) com exemplares

do *short kickboxing* amarelo, a camisa rente ao corpo magro de quem não almoça, escrevendo um sem fim de colunas. Resiste. Não muito longe da cidade antes reverenciada por ele, pelo Lúcio, sobrevive o Paco. Sozinho, mas bem acompanhado.

O Newton conhecido pelos irmãos é solidário, não suporta as más línguas, adora os sobrinhos – embora mantenha distância – e preferia ser melhor amigo em vez de primogênito. A ditadura que conhece é a do afeto. Obrigado a gostar, ele quase não ama só por pirraça. Quase.

Lúcio Brasileiro é patrão rigoroso, não tolera um “que” ou um “mente” no texto cunhado ao longo dos anos. Não suporta, mas se rende vez ou outra. Não é distração, acredite, é tudo calculado. As regras de etiqueta, e a quebra delas; a aparente falta de lógica, e a sobriedade dos juízos; a humildade de operário, e a arrogância de quem é Lúcio Brasileiro, *fake* ou não.

Entre tantos personagens, um homem difícil de desvendar. Paco, Lúcio ou Newton: nunca se sabe com quem se está falando. Ele prefere Paco – batizado pela criadagem querida de Barcelona –, outros detestam Lúcio e uns poucos amam Newton. Fique à vontade para escolher.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Anna Cavalcanti
Raphaelle Batista

Texto de abertura:

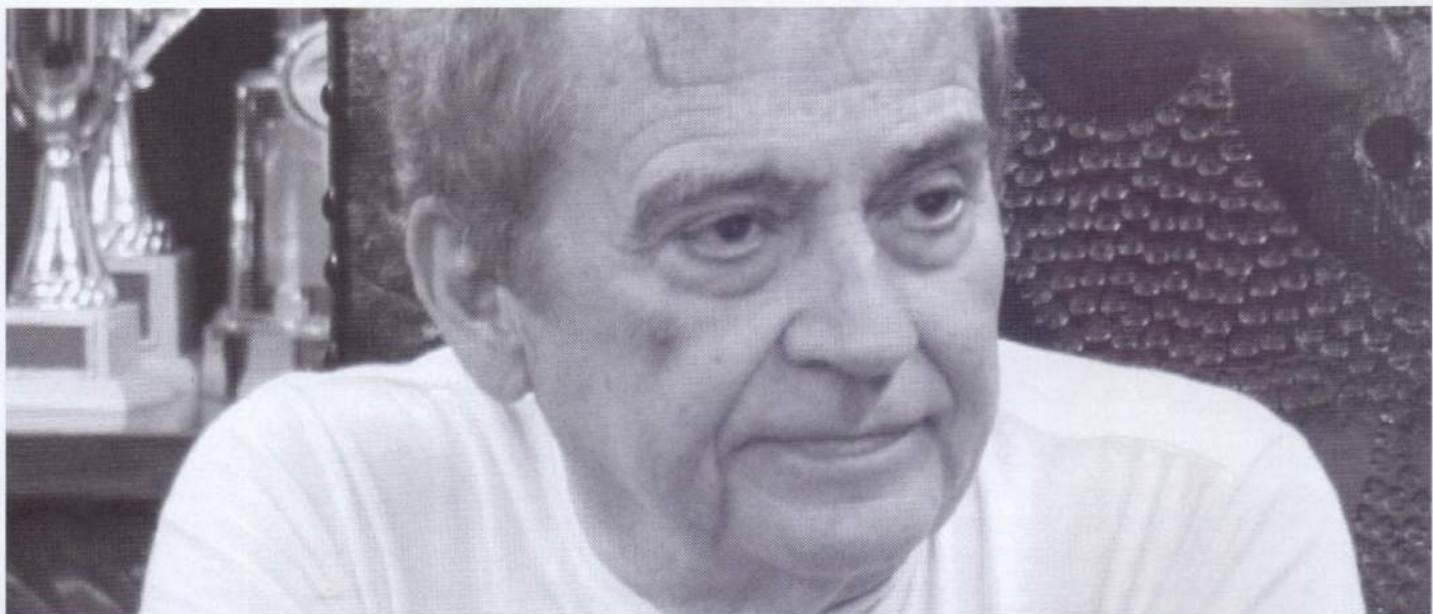
Raphaelle Batista

Entrevistadores:

Amanda Souto Maior
Anna Cavalcanti
Camila Torres
Carol Cavalcante
Cinara Sá
Gabriela Ramos
George Pedrosa
Liana Dodt
Livia Pontes
Raphaelle Batista

Fotografia:

Evelyn Onofre



Entrevista com Lúcio Brasileiro, no dia 25 de abril de 2011.

Anna – Lúcio, de acordo com seu livro *500 contos de reis*, você morou até os oito anos com seus pais, em Aurora. Quais as memórias que você tem dessa época e como era o relacionamento com seus pais, principalmente com sua mãe por quem você tem um apreço reconhecidamente maior?

Lúcio – Na época, eu vivi muito na casa do meu avô, que era o chefe lá da cidade, *Aurora (município no Cariri cearense a 462 Km da capital)*, onde eu nasci, e a recordação que eu tenho, mais positiva, é a seguinte: é que meu pai tinha uma loja e ia muito a Recife (*Pernambuco*) comprar tecidos – porque não abastecia aqui, abastecia em Recife – e então toda a minha farinha era chamada “farinha pabo”. Um dia eu estava no Ideal Clube (*reconhecido local de festas de Fortaleza*), que na época era o clube “dos ricos”, e tinha um amigo meu, Gerard, dizendo assim: “Ora, quando eu era pequeno, tudo era com farinha de pabo”. Aí, eu gravei. Cheguei à casa, telefonei para a minha mãe: “Mamãe, qual era aquela farinha?” “Era farinha pabo”. Estou citando esse fato para mostrar como eu tive uma infância de rico, era rico da Aurora, mas uma infância de rico, que nunca mais tive. E o outro fato é que um colega meu de carteira, o Paulo Ernane, chupou uma manga, foi tomar banho no rio, teve uma congestão e morreu. E depois eu nunca fui permitido de chupar uma manga, ainda hoje eu não sei que gosto tem. (*risos*)

Raphaelle – Como era a relação do senhor com a sua mãe?

Lúcio – Perfeita. Mais tarde, houve um problema com meu pai. Na realidade, o que eu desejava ser na vida era filho único de viúva rica. Eu nunca fui muito de pai, não. Nunca houve grandes problemas, mas havia uma distância. A minha mãe era cinco anos mais velha, e isso não é comum. Tudo indiciando, como ele era vendedor da Pernambucana (*Uma das maiores lojas de tecidos da época. Mais tarde se transformou em loja de variedades, até fechar*) e meu avô era abastado, que houve qualquer coisa parecida com um golpe do baú... (*risos*)

Raphaelle – Quando vocês vieram morar aqui em Fortaleza – eu já vi algumas entrevistas que você deu – foi por causa da educação que o pai de vocês queria dar...

Lúcio – É... Exatamente por causa da educação. Nós fomos morar na Travessa Itapipo-

ca, que é a menor rua de Fortaleza, de um lado é uma quadra e de outro lado são duas casas. Essa rua ainda existe hoje, na Praia de Iracema.

Raphaelle – Mas por que a mudança? Como o senhor viu essa mudança na época?

Lúcio – Não, eu tinha oito anos... Então, eu não vi nada. Eu fui levado. Ainda hoje não entendi por que a gente veio de caminhão, por que meu pai não trouxe a gente de trem. A explicação é que os móveis também vieram nesse caminhão, quando a gente veio se instalar aqui. Nunca entendi por que não se veio de trem. Mas, chegando aqui, eu fui estudar no Colégio Lourenço Filho, meu primeiro colégio em Fortaleza.

Raphaelle – Depois o senhor foi para o Colégio Cearense?

Lúcio – Não... Cearense, não. Depois, com a mudança de residência para a Rua Antônio Augusto, na Aldeota, eu fui para o Educandário Coração Eucarístico, que era uma escola que tinha na Santos Dumont (*importante avenida de Fortaleza*), pertinho do São João (*colégio da década de 1970*), esse externato não existe mais. Depois, fui estudar em Baturité (*cidade da mesorregião Norte cearense, distante 100 Km de Fortaleza*), no internato.

Gabriela – Lúcio, em entrevista ao (*empresário e cronista*) João Soares Neto, o senhor afirmou que o tempo no Internato Salesiano Domingos Sávio, em Baturité, foi fundamental para toda a base do “brilhante jornalista que o senhor seria no futuro”...

Lúcio – É, é... fui... (*risos*)

Gabriela – Eu queria saber, de forma mais clara, como aconteceu essa influência e como se deu esse reflexo no seu trabalho. Seria a disciplina, seriam as aulas de português e latim, que trouxeram um texto específico?

Lúcio – Português e latim. Tanto é que, em 1961, quando eu fiz o vestibular para Direito, tirei as maiores notas em latim e português.

Gabriela – E quais são as recordações que o senhor tem dessa época?

Lúcio – Ah, do Salesiano eu tenho recordações maravilhosas, porque era um alto nível, a gente ia à missa todo dia, dia de domingo a gente tinha duas missas. O padre Gino, o diretor italiano, era o professor de latim, era altíssimo nível. O de português também, o padre Emanuel era muito bom. Quando eu fui para o Cearense, todos podiam responder as per-

O nome de Lúcio foi sugerido por Anna Cavalcanti e a turma ficou animada. Mas havia um certo mito de que ele não daria entrevista.

Segundo Ronaldo, Lúcio já havia sido convidado a participar da entrevista em edições anteriores e havia recusado. Ficamos um pouco receosos com essa notícia, mas decidimos tentar de novo

Foi fácil conseguir o contato de Lúcio: a produção já havia feito uma entrevista com ele em 2009 e, por sorte, o telefone não havia mudado.

guntas, menos eu. Eles botavam uma pergunta assim, por exemplo: “Qual é o sujeito dessa frase?” Hoje ainda tem negócio de sujeito, predicado, complemento? *(Pergunta à turma)* E dizia: *(Levanta o braço, interpretando o gesto)* “Não, Quezado, você não pode dizer nada, só se ninguém acertar”. Quando ninguém acertava, eu dizia: “É sujeito por isso, por isso e por isso...”. A base do Salesiano foi tudo. Diziam, na época, que o fim dos internatos era devido às práticas homossexuais, mas, se era assim, eu escapei invicto... Eu escapei invicto do Salesiano... *(risos)*

Raphaelle – Lúcio, como foi ficar, ainda tão criança, longe da família?

Lúcio – Não, eu tenho a impressão de que eu não consegui estudar aqui, era muito futebol, muita coisa... Eu fui morar na Rua Antônio Augusto, nessa época do Externato Coração Eucarístico. Certamente, eu tirei notas ruins e minha mãe... O pessoal da classe média leva muito em conta o primeiro lugar. Minha mãe não sossegou, ela só se realizou quando eu obtive o primeiro lugar no científico do Colégio Cearense, no ano de 1954. Na época, se dizia científico. Depois, fiz um brilhantíssimo vestibular de Direito. Na realidade, está provado que aqueles primeiros alunos não emplacam na vida prática, o que emplaca é a nota seis, nota sete. Eles é que emplacam.

Anna – Lúcio, o senhor fez vestibular de Direito já enquanto estava como jornalista?

Lúcio – Já... E eu não continuei porque achava que meu negócio era jornal. Eu já era jornalista. Eu comecei no jornal com 16 anos, em 1955, e o vestibular foi em 1961, fazia cinco anos que eu tinha deixado o Colégio Cearense.

Raphaelle – Por que o senhor resolveu fazer o vestibular para Direito, mesmo já trabalhando como jornalista?

Lúcio – Tenho a impressão de que eu peguei corda de um amigo meu, chamado Edgar Sá, que era muito meu amigo do Ideal Clube. Ele ia fazer e me convidou e... Eu fui. Eu pouco estudei, mas tinha tudo na cabeça. Não houve problema nenhum para ser um dos primeiros do vestibular.

Gabriela – O senhor acha que teria se destacado em outra área que não fosse jornalismo, já que o senhor também não quis o Direito?

Lúcio – Em um dos meus livros, escrevi sobre isso... Eu seria excelente, excelente diretor de um hotel; âncora de televisão, e eu fui, em parte, um pouco na TV Bandeirantes quando começou aqui; eu seria, e sou ainda, um excelente dono de restaurante; um excelente organizador de festas; daria um esplêndido chefe da Casa Civil, para cuidar da parte mais nobre, mais vistosa do Governo, e outras coisas mais...

Gabriela – E, desses, qual é a sua preferência?

Lúcio aceitou dar a entrevista logo no primeiro contato. Mas se espantou com o tempo de duração, argumentando que a vida dele não dava nem uma hora e meia de conversa.



“Na realidade, o que eu desejava ser na vida era filho único de viúva rica. Eu nunca fui muito de pai, não. (...) Havia uma distância.”

Lúcio – Eu tenho a impressão que eu seria um... Sim, seria também um Relações Públicas de multinacional.

Gabriela – Mas para escolher um específico?

Lúcio – Seria a direção de um grande hotel.

Raphaelle – Lúcio, você falou que ingressou no jornalismo antes de fazer a faculdade de Direito, ainda em 1955. Mas como foram seus primeiros contatos com o jornalismo? O que despertou esse interesse?

Lúcio – No jornalismo, eu não fui logo para coluna social. Eu fui, inicialmente, no jornal *O Povo* e no jornal *O Estado*, colaborador sem ônus, sem vencimentos, de futebol. Em 1955, com os concursos de miss, Miss Brasil, Miss Elegância Bangu, a proliferação dos clubes, eu decidi ser colunista social. Para você ter uma ideia, Fortaleza chegou a ter 17 clubes. A maioria fechou porque faliu. Ficou só o Náutico e o Ideal. Maguary, Iracema, Centro Massapense, Comercial Clube... De todos esses, ficaram só quatro ou cinco daquele tempo, o resto fechou. Então eu achei que devia ser colunista porque ia logo para o setor que estava em moda. Lei do menor esforço, em outras palavras...

George – Lúcio, o irmão do senhor, o (*também jornalista*) Neno Cavalcante, mencionou que o senhor não era um bom jogador de futebol. De que forma isso influenciou a sua participação no jornalismo esportivo?

Lúcio – Não, isso me frustrou um pouco porque... Sim, eu também seria um grande técnico de futebol! (*risos*) Aliás, fui convidado pelo João Soares, esse que você citou aí (*Referindo-se à pergunta feita por Gabriela*), para ser técnico do Fortaleza (*um dos maiores times de futebol do Estado*), quando o pai dele era o presidente do Fortaleza.

Raphaelle – Em que ano isso aconteceu?

Lúcio – Para técnico do Fortaleza, foi nos anos 1960. Foi quando nasceu minha amizade com esse grande empresário João Soares. Bom, então é o seguinte: eu realmente não tinha chute, a única vantagem que eu tinha era um bom senso de marcação, mas tinha o chute fraco e nunca tive um físico bom. Eu era da defesa e, sobretudo naquela época, exigia – acho que hoje também –, exigia um físico que eu não tinha. Mas eu cheguei a jogar até no subúrbio, defendendo o time do J. Macêdo (*José Macêdo, um dos maiores empresários do Ceará*), onde eu fui Relações Públicas. Então, isso é verdade, é verdade... Meu irmão tem razão. Mas não se pode ser bom em tudo, não é? (*risos*)

Carol – Por que o senhor deixou de atuar nessa área de esporte?

Lúcio – Porque fui ser colunista social. O futebol não tinha mais sentido. Mas eu não deixei completamente. Mesmo como colunista

social, tinha um jornal aqui, já extinto, *O Unitário*, em que eu fiz umas crônicas de futebol e respondi, na televisão, (*no programa*) *O Céu é o Limite*, sobre o Brasil nas copas do mundo. Hoje em dia, eu perdi muito o interesse porque, com o futebol defensivo, o futebol perdeu muito a graça, o charme...

Livia – Lúcio, e a sua entrada no colunismo social como se deu?

Lúcio – Eu fui procurar o jornal que não tinha coluna social. O único era a *Gazeta de Notícias* (*extinto em 1972*). Eu bati lá com a cara e a coragem. Eu me lembro que eu cheguei às 6 horas e disseram assim: “Olhe, quem resolve isso é o doutor Luís Campos (*à época, diretor da Gazeta*)”. O Dr. Luís Campos, hoje, ainda é diretor do Ibeu (*Instituto Brasil-Estados Unidos do Ceará*) e foi o meu mentor porque os outros diretores não quiseram.

Eu vou dar uma ideia para vocês: o Lúcio Alcântara (*ex-governador do Ceará*) é que é o verdadeiro Lúcio Brasileiro, porque a mãe dele é Brasileiro e ele é Alcântara de família, então ele é Brasileiro de Alcântara, e é Lúcio de batismo. Eu não sou Lúcio de batismo, eu não sou Alcântara, eu não sou Brasileiro. Então, é um nome que os americanos chamam “fake”. É um nome de folia, nome pluma. Pois bem, o Luís Campos guarda, até hoje, uma carta do Lúcio Alcântara, quando eu comecei a assinar Lúcio Brasileiro na coluna social, dizendo assim: “Peço ao ilustre jornalista Luís Campos que tire meu nome de ‘baitolagem’”. Imagine, só? (*risos*) Ele diz hoje que não fez, mas o Luís Campos tem a carta. Então, havia essa coisa. Os diretores do jornal achavam que o jornal era muito viril para ter coluna social, e o Luís Campos teve de ficar rouco para defender. Eram três diretores, o Luís Campos era o quarto. Dois diretores disseram assim: “Luís, nós somos contra, agora você é quem decide. Um diretor chamado Antônio Brasileiro, que é tio do Lúcio Alcântara, o legítimo, tio da mãe do Lúcio Alcântara, esse ficou renitente. Não queria abrir de maneira nenhuma. Foi por isso que meu nome ficou Brasileiro. Pensei: “Vou me vingar dele, o nome vai ser Brasileiro”. Tinha um publicitário chamado Heitor Costa Lima, que disse: “Bota Lúcio”. Pronto, ficou Lúcio Brasileiro.

Cinara – De onde surgiu o interesse pelo colunismo social?

Lúcio – Porque estava em voga. Com os concursos, a Marta Rocha tinha perdido o Miss Universo e a cearense Emília Correia Lima ganhou o Miss Brasil. Você não sabe o que significou, para a nossa inferioridade, uma raça reconhecidamente feia e baixinha, ter uma Miss Brasil. Foi um negócio impressionante, uma revolução! Ninguém tem ideia. Vocês, da nova geração, não têm ideia do que represen-

Por achar que era uma entrevista comum, Lúcio sugeriu que a realizássemos na semana seguinte ao primeiro telefonema, e fosse feita no salão de beleza frequentado por ele.

Para ajudá-lo a ter noção do projeto Revista Entrevista, enviamos alguns exemplares para Lúcio, por intermédio do secretário Henrique.

Após ver as revistas, Lúcio sugeriu que a entrevista fosse realizada no clube Náutico Atlético Cearense, do qual é sócio.

tou, para o Brasil, a Marta Rocha ser segundo lugar do Miss Universo, e para o Ceará, no ano seguinte, que foi o ano em que eu estreei, a Emília Correia Lima ter sido eleita Miss Brasil. Foi um negócio que vocês não fazem ideia.

Carol – E o senhor teve alguma inspiração para começar?

Lúcio – Sim, o Jacinto de Thormes, que escrevia na maior revista que o Brasil já teve, a revista *O Cruzeiro*.

Camila – Lúcio, no livro *500 contos de reis*, o senhor disse que a sua coluna, no jornal *O Povo*, é mais lida que a Bíblia Sagrada...

Lúcio – Eu não disse isso, eu disse que eu achava isso... (risos)

Camila – Mas quem é o seu público?

Lúcio – Em televisão, a coisa que mais me cativa – e é por isso que eu não deixarei jamais, só se for deixado – é que quando eu passo na Rua dos Catraeiros, que é aquela rua que dá para o antigo Palácio da Abolição, o pessoal mais modesto diz assim: “Olha, gostei de você chamar aqueles políticos de ladrão, parabéns!”, eu fico felicíssimo! Agora, o público básico, em relação ao jornal, é a classe média. A classe pobre não pode pagar, e a classe rica não lê por preguiça.

Raphaelle – Lúcio, você estava falando que começou muito jovem...

Lúcio – Dezesesseis (anos).

Raphaelle – Mas, como é que você, sendo tão novo, conseguiu o acesso às altas rodas cearenses para falar sobre elas na sua coluna?

Lúcio – Nesse ponto, eu fui ajudado porque era aluno do Colégio Cearense e tinha cinco ou seis colegas meus que eram sócios do Ideal, que na época era um clube muito fechado, só 250 sócios, e era realmente uma elite. Depois, isso foi aberto. Hoje em dia, o clube não tem mais aquela característica que tinha. Então, por exemplo, o Roberto Maia, que é do cartório Pergentino Maia, que ele herdou do pai; o Sérgio Moraes, que era da Livraria Moraes. En-

“Diziam, na época, que o fim dos internatos era devido às práticas homossexuais, mas se era assim, eu escapei invicto... Eu escapei invicto...”

A produção ficou receosa com o local escolhido, mas decidi ligar para o Náutico. Lá conhecemos o coordenador de eventos, seu Avelino: um homem extremamente solícito.

tão, através deles eu fui chegando. E me ajudaram muito. Como eu era jovem, eu cheguei à casa dos pais através dos filhos. Porque a mãe dizia assim: “Meu filho, seu aniversário é domingo, vá ao Ideal e chame seus colegas”. Eu estava no bloco e lá ia eu.

George – Parece haver uma relação muito íntima entre um colunista social e os seus objetos, pelo menos se em comparação às outras áreas do jornalismo. O que eu queria saber era se o senhor acha que essa relação íntima, que por vezes pode até gerar laços de amizade, não prejudica o caráter objetivo e crítico do jornalista.

Lúcio – Olha, você quer dizer que alguma notícia que talvez fosse boa para o público, a gente não dá em respeito... Isso existe. Mas acontece, por exemplo, a minha coluna hoje é mais o meu ponto de vista sobre as coisas. É mais sobre coisas do que sobre pessoas. Vamos supor que você, por uma razão qualquer, tem um furo e me dá agora: “Lúcio, o grupo (Edson) Queiroz (conglomerado empresarial) comprou o grupo (J.) Macêdo”. Eu dou, na minha coluna, duas linhas: ‘O grupo (Edson) Queiroz comprou o grupo (J.) Macêdo’. O editor do jornal pega a notícia e toma conta dela. Pega a página todinha e eu fico como palhaço, lá embaixo, com duas linhas. Então, não existe mais a questão da notícia. Por outro lado, por exemplo, vamos supor que a primeira dama se suicida. Então, amanhã, eu vou dar uma nota sobre a primeira dama? A televisão faz tudo, bota o lençol com cor de lágrima, o sangue da cor de sangue, o desespero dos filhos, tudo ali, ao vivo. A televisão entrou muito forte, demais. A gente não pode mais pensar em termos da notícia em si. Agora, você tem de ver o seguinte: esse ano eu faço 56 anos de jornal. Eu, no lugar de ser a pessoa que reportava aquele grupo, hoje faço parte do grupo, sou partícipe. Mas não atrapalha porque, sabidamente, consegui transformar a coluna no meu ponto de vista. Na coluna, estou falando de tudo. A coluna tem Economia, tem Internacional, tem o posicionamento da rainha, tem etiqueta social – que é uma coisa que tem muito público, e não pense que é o pessoal da sociedade, não, é o pessoal da classe média, o pessoal até da classe D, C sobretudo, que quer saber como é que faz um casamento decente, direito.

Eu estou agora, por exemplo, com um programa na rádio *Calypso*, do sistema *O Povo* de rádio. Então, eu estou tentando enxugar os convites. O pessoal bota assim “que se realizará”, primeiro coloca assim: “tem o prazer de convidar”. Ora, você convida alguém sem prazer? Ou então “tem a honra”. Ora, você convida alguém com desonra? Se você dá o nome da igreja, dá a hora, o local, você tem de colocar que se realizará? Claro que vai se realizar! O convite é todo uma estupidez. “Após a certi-

“Eu não sou Lúcio de batismo, eu não sou Alcântara, eu não sou Brasileiro. Então, é um nome que os americanos chamam ‘fake’.”

mônia religiosa, os noivos receberão os cumprimentos”. Me diga uma coisa: alguém cumprimenta noivo antes da cerimônia religiosa? Outra coisa, o endereço do Ideal Clube, onde vai ter a recepção, ou do Náutico (*clube de festas de Fortaleza*) ou do Cristo Rei (*igreja localizada em Fortaleza*) ou da Catedral, precisa botar esse endereço? Todo mundo não sabe? E o endereço dos pais não sugere, deselegantemente, a ideia de a gente mandar um presente para os noivos? Não é uma sugestão pouco velada, até pouco sutil? Os convidados estão sabendo demais onde moram os pais. Eles são convidados, ora, fazem parte da relação.

Raphaelle – Ainda em relação à pergunta que o George fez, quais são os critérios que o senhor usa para colocar alguém na sua coluna?

Lúcio – Vamos afastar um pouco da coluna. Eu tenho um carinho muito grande por uma publicação minha, chamada *Sociedade Cearense*, que sai de dois em dois anos. É uma espécie de lista telefônica dirigida, com mil nomes. Eu vivo desse livro, é esse livro que me sustenta, ele é muito projetado socialmente. A publicidade representa um charme para o anunciante, porque dura dois anos. Se você anuncia hoje, no jornal, amanhã você tem de pagar de novo. Lá, não, você pagou uma vez, dura 24 meses. Frequentando as melhores cabeceiras: as cabeceiras mais aquisitivas do mundo político, social, empresarial e jornalístico. Então, repare bem: é preciso ter dinheiro para sair no livro? Não. É preciso ter tradição, educação? Não. É preciso ter charme? Não. É preciso ter posição? Não. Agora, tenha dó, não ter nenhuma dessas quatro coisas e querer sair, é de lascar. (*risos*)

Liana – Lúcio, e ainda em relação a esse livro, você tanto tem critérios pra colocar pessoas lá quanto para tirar também?

Lúcio – Sim, às vezes sacrificando até, por exemplo, a pessoa que não pode mais atender ao telefone. Então, eu não posso colocar no livro uma pessoa que não pode atender ao telefone por questão de saúde. Uma pessoa,

por exemplo, que não está mais frequentando (*a sociedade*) por diversa razão. Há um corte médio de 100 a 150 pessoas para entrar uma geração que surge e merece estar no livro.

Camila – Lúcio, e qual a importância dessa publicação?

Lúcio – É uma lista telefônica dirigida. Você tem os telefones, os aniversários, os endereços sociais, o telefone de trabalho e o telefone social dessas pessoas. Então, a importância desse livro é que é uma publicação dirigida onde você tem informações que você não encontra em lugar nenhum. Você quer saber quem aniversaria no dia, vai ali, aí você tem toda a lista de pessoal que aniversaria, todo o seu ciclo. Você quer mandar um convite, uma correspondência, está ali. E o livro não vai à banca, nem à livraria, só quem fica com o livro é quem sai no livro. Essas pessoas que saem no livro recebem um cupom para retirada no correio. Não é obrigado retirar o livro, retira se quiser. Mas, geralmente, a ida aos correios representa 90%. Dos 1000 citados, 900 procuram o livro.

Gabriela – Lúcio, nós sabemos que o senhor anda muito recluso no Cumbuco e não participa tanto das festas sociais...

Lúcio – Porque ficou uma chatice geral, eu não aguento mais... Ficou muito chato!

Gabriela – E como é que o senhor mantém a relação com as fontes? Como é que isso foi criado e como o senhor consegue manter, mesmo não participando dos eventos? E como isso reflete também no livro?

Lúcio – É que eu, andando na praia, no Cumbuco, escrevo oitenta colunas. Só pensando. “Um dia, o senhor Virgílio Távora (*ex-governador do Ceará durante ditadura militar brasileira*) me disse que o Tasso Jereissati (*político cearense, ex-governador e ex-senador pelo Estado*) ainda ia ser governador”. Virgílio já morreu há muitos anos. Então, só passeando na praia ou andando na duna, eu faço várias colunas...

Gabriela – Mas o senhor afirmou que uma nova geração surge e que eles entram no livro, exato?

Lúcio – Bom, eu tenho pessoas que me ajudam, até colegas do jornal, que chegam e dizem: “Olha, bota esse nome aí, pense em fulano, ele é um empresário jovem, sucedeu o pai, está emplacando”. A renovação é em torno de 150 nomes, cada exemplar, então 150 têm de sair, porque eu não abro mão, o livro tem de ser essa bitola aqui (*mensura o livro com os dedos*)

Gabriela – E como isso foi construído, essa sua relação com as fontes que lhe passam os nomes que vão entrar no livro?

Lúcio – Colunistas sociais que vão me apontando os nomes e aquilo vai sendo anotado por mim a partir de agora. Eu já lhe disse que o livro sai de dois em dois anos, a próxima

Lúcio só vem a Fortaleza uma vez por semana, na segunda-feira, por isso foi um pouco difícil agendar uma data que ficasse boa para toda a turma.

Foram sugeridas duas datas para Lúcio: os dias 26 e 28 de abril, terça e quinta-feira, respectivamente. No entanto, ele preferiu marcar para o dia 25, segunda-feira.

Com o dia escolhido, a dúvida era quanto ao horário. A maioria dos alunos estagiava pela manhã e tinha aula à tarde. Lúcio, então, sugeriu a hora do almoço.



edição é 2012, então já começaremos a colher os dados...

Raphaelle – Lúcio, voltando à questão da sua trajetória como colunista, você disse que a sua coluna se diferencia porque trata de vários assuntos e não só de pessoas...

Lúcio – Não existe, e nunca existiu na imprensa brasileira, coluna mais criativa. Nem a do Zózimo Barroso do Amaral (*importante colunista social carioca*), considerado pelas novas gerações o primor da coluna social, e é realmente, mas a coluna dele é menos criativa que a minha.

Raphaelle – Mas a que o senhor atribui a sobrevivência da sua coluna até hoje?

Lúcio – Ao enorme talento que Deus me deu. (*risos*)

Cinara – Como o senhor adquiriu esse estilo e como ele é visto até hoje?

Lúcio – No início, eu comecei a mudar... Por exemplo, a letra “a” enfeia a frase. O “se” e o “lhe” enfeiam. Por exemplo: “Encontrei João de Barros e lhe comuniquei”. Para que esse “lhe”? “Encontrei João de Barros e comuniquei”. Por que botar “Viajou ontem para Paris”? “Viajou ontem Paris”. Por que botar “Veio especialmente de Brasília para o casamento”? “Veio especial de Brasília”. Tira esse “mente” que acaba com a frase! O gerúndio acaba com a frase. Eu tenho um português de uma perfeição incrível. Os próprios membros da Academia, que me leem com atenção, reconhecem isso, que a família Quezado, da minha mãe, é brilhantíssima! É muito tímida, ninguém tem nada na vida por causa disso, mas é brilhantíssima.

Raphaelle – Lúcio, quais as influências que você teve pra adotar esse texto tão diferenciado?

Lúcio – Olha, não especificamente, mas

“A única razão para uma pessoa não gostar da minha coluna é que envelheceu, perdeu o gosto da vida. A minha coluna prega muito o gosto pela vida.”

as minhas tias, Zenaide, Terezinha e Lucila, e minha própria mãe tinham um estilo maravilhoso de escrita. As cartas delas eram verdadeiros espetáculos! Essas cartas das minhas tias, lendo hoje, fico pensando como as cartas podiam ser tão talentosas! Você pode pegar por esse lado que eu herdei uma parte disso aí e depois o poder criativo muito grande que eu fui transformando as coisas. Hoje não existe texto, na imprensa brasileira, que sequer se compare ao meu.

Raphaelle – O senhor já chegou a ser reprimido por algum chefe, por exemplo, por causa desse estilo diferente? Como foi a recepção dos colegas de profissão por causa desse estilo?

Lúcio – Não... Nunca tive problema nessa área. Primeiro, porque sou obediente. “Não pode falar em fulano”. Não falo. Ele tem que dizer de novo “pode falar” para eu voltar a fa-

Para justificar o horário da entrevista, marcada para acontecer entre 12h e 14h30min, Lúcio mandou um recado para a turma: “Diga que é chique não almoçar”.

lar. Tem colega meu que tenta passar na moita, mas eu não tento. Sempre fui muito correto.

Raphaelle – Então o senhor foi sempre bem aceito...

Lúcio – Eu acho que sim. Eles respeitaram o tempo em que eu estou em jornal, a dedicação... Você não disse ainda e ninguém disse aqui, mas eu sou um grande profissional. Eu já ditei coluna para morrer, com dois médicos na cabeceira. Nunca faltei um dia em 56 anos. Eu viajo nas férias de verão para Ibiza, ficam 45 colunas prontas. Todas prontas. (*risos*)

Anna – Uma coisa que se percebe é que o senhor tem uma etiqueta própria, é algo que o senhor criou, assim como a sua linguagem. Como é que se deu essa criação?

Lúcio – Não é etiqueta acadêmica. Tem uma base acadêmica, mas tem muitos desvios de acordo com o que eu acho. Por exemplo, você convidar seu tio para ser seu padrinho de casamento. Ora, o que é ser padrinho de casamento? É um novo parentesco que você adquire. Se já é tio, pra quê? Você tem de chamar pessoas que não são da família. Eu brigo com toda a sociedade tradicional, que não sabe criar e fica em torno daquela coisa de sempre...

Livia – Mas, Lúcio, essa questão de desenvolver um estilo foi um mecanismo de sobrevivência para ter essa longevidade da coluna?

Lúcio – Não pensei nisso, foi surgindo naturalmente. Então, eu evito todas essas palavras que eu acho que enfeiam. O pronome “que” enfeia muito. Tirando o “que”, a frase ganha em estilo.

Livia – Por que, dentre tantos colunistas, o senhor acha que sobrevive até hoje e com tanto sucesso ainda?

Lúcio – Eu sempre fiz um trabalho de altíssima agradabilidade. É fácil ler a coluna, a coluna é leve. E tem mais, quem se desinteressa pela minha coluna, vá atrás que envelheceu. A única razão para uma pessoa não se interessar pela minha coluna é que envelheceu, perdeu o gosto da vida. A minha coluna prega muito o gosto pela vida.

George – Mas o senhor não acha que essa linguagem própria às vezes pode prejudicar o leitor que não tem muito contato com as colunas do senhor?

Lúcio – Nós temos de ver o seguinte: o jornal é lido pela elite. A elite que eu digo não é a elite social. É o alto funcionário público, é o professor universitário. O pessoal, vamos dizer assim, mais “peba” não lê jornal. Não vai ler jornal, não tem por onde, não tem como pagar. O jornal tem um leitor selecionado, de alta classe. Esse leitor é que me interessa. Eu já disse aqui, é a classe média. E esse aí não vai ter dificuldade de aprender o estilo.

Amanda – Lúcio, no seu último livro, *500 contos de reis*, tem um trecho em que o senhor

fala – é o trecho *Três senhores* – que sempre achou interessante ter patrões em diferentes veículos de comunicação pelo seu acurado senso de liberdade. Alguma vez, nesses longos anos de Jornalismo, o senhor sentiu receio ou se arrependeu de publicar alguma coisa?

Lúcio – Não, mas eu lhe respondo de acordo com a sua pergunta. Pra mim, é interessante em rádio ter um patrão, no jornal ter outro e, na televisão, outro. Por quê? Porque veio uma ordem: “Não pode citar o governador Tasso Jereissati”. Eu não boto no jornal, mas eu cito na rádio. Eu sou uma pessoa assim, por exemplo: há anos e anos e anos que eu não toco em doce. Se algum médico menos informado disser assim: “Olhe, você vai passar dois meses sem tocar em doce”, eu já não toco, mas vou à primeira confeitaria e mando baixar tudo, vou me *empanzinar* de doce. É um senso de liberdade altíssimo!

Gabriela – Ainda sobre essa pergunta, o senhor pode nos contar alguma situação em que ser um jornalista multimídia foi essencial para o senhor, que o senhor disse “ainda bem que eu estou em várias mídias porque eu queria mesmo noticiar isso”?

Lúcio – Aconteceu em vários lances, porque o jornal tem a sua posição. Eu sempre tive a humildade de reconhecer o seguinte: apesar da fortaleza da coluna, de a coluna ser uma atração – até mesmo porque o jornal se obriga a uma série de coisas que são desagradáveis, por exemplo, (*a noticiar*) o avião que cai, o armazém que é assaltado, o deputado que rouba, a coluna social está livre disso. A coluna social é a sobremesa do jornal. Mesmo reconhecendo isso, eu também sempre reconheci que um jornal sai sem uma coluna, mas não tem um caso no mundo de coluna sair sem jornal. O jornal tem a sua posição, e é justo que tenha. Às vezes, muitas vezes, eu reconheço que aquela posição não é a do dono do jornal, ele está tomado por circunstâncias que o levam a tomar essa posição. Eu não posso ser contra, eu não posso reagir. Se eu reagir, eu vou publicar minha coluna onde? Coluna não sai só. Jornal sai sem coluna, coluna não sai sem jornal.

Raphaelle – Mas houve algum episódio, por exemplo, que o senhor deixou de noticiar na rádio, por alguma limitação, e noticiou no jornal?

Lúcio – A minha tese é a seguinte: qualquer jornal pode tirar da minha coluna o que quiser, mas nunca nenhum jornal pôde botar o que quis. Porque a coluna é minha e o jornal é do jornal. Então, eu sou obediente. Agora, eu não gosto de ver minha coluna chafurdada. Que pode cortar, pode, o jornal não é meu. O dono tem seus interesses. Por exemplo, eu quase estive no grupo (*Edson*) Queiroz (*entre*

Lúcio não almoça, só faz uma refeição por dia. Recomendações médicas, diz ele.

Como a entrevista foi agendada com bastante antecedência, foi preciso ligar algumas vezes para lembrar Lúcio do compromisso.

Uma semana antes, a produção confirmou dia e local da entrevista com Lúcio. Ele disse que, se não aparecesse, podíamos procurá-lo no cemitério.

*as empresas do grupo está uma de comunicação, que engloba jornal impresso, rádio, TV e Internet), depois eu me vangloriei em não ter ido. E o motivo foi puramente financeiro, a gente não se acertou. Pois bem, logo a seguir houve a campanha do doutor Maluf (para eleição indireta para Presidente em 1985, na qual foi escolhido o senador Tancredo Neves), eu desembestei contra, e lá eu não podia. Por quê? Porque eles (os Queiroz) têm interesse, têm negócio de gás, têm negócio de televisão, televisão é uma concessão do governo. Eu não poderia fazer nada, eu ia ser cortado. Lá no jornal *O Povo*, não fui. Ainda hoje, eu me benzo por não ter ido, porque o convite, financeiramente, era interessante. O problema de finanças, que eu digo é porque eu queria de uma maneira e eles queriam de outra.*

Gabriela – Falando sobre a sua entrada na TV. Nós sabemos que o senhor começou com o programa *O Céu é o Limite*, na TV Ceará, mas não temos muitos detalhes sobre como era o programa, como foi que o senhor entrou... Eu queria saber se o senhor pode contar um pouco.

Lúcio – Mas eu não comecei n' *O Céu é o Limite*, não. Quando eu fui fazer *O Céu é o Limite*, eu já era de televisão. E, na época, houve reação. Como é que a televisão, num programa desses, que implicava em ganho de dinheiro, botava um funcionário seu na televisão? Mas acontece que era tanta vontade da televisão de ter uma pessoa que entendesse de futebol... E eu sou a única pessoa no mundo que tem as seleções brasileiras todas na cabeça, desde a primeira copa de 1930. Jogo por jogo, gol por gol. Isso não vale nada porque ninguém paga. Ainda.

Raphaelle – Mas, se não foi no programa *O Céu é o Limite*, como o senhor entrou na TV?

Lúcio – Entrei na TV porque o grupo Macedo contratou uma agência internacional chamada "McNann Erickson" e eles tinham um produto chamado *Avecado*, que era uma espécie de uma farinha para o gado. Eles precisavam atingir um certo tipo de público e patrocinaram um programa. Escolheram *Lustosa da Costa* (jornalista, hoje assina uma coluna diária no jornal *Diário do Nordeste*, do grupo *Edson Queiroz*), meu colega e amigo, e eu para apresentar o programa. Era toda sexta-feira, às 7h15min da noite. Era ibope mil, porque só tínhamos nós. Ou você assistia a nós ou não assistia nada. Porque televisão precisa de uma coisa que eu tenho, é o charme pessoal. Pode ser bonito ou feio, pode ser feio e ter charme. Eu não vou citar exemplos porque são colegas meus, mas tem pessoas que deviam ser proibidas de aparecer em televisão. Eu não sei como é que pessoas inteligentes vão brigar com o gosto do público. Você, em televisão, pode ser o maior professor, erudito em tudo, e ser uma desgraça.

Tantas ligações não adiantaram muito, pois Lúcio acabou esquecendo o combinado e marcou uma reunião "importantíssima" durante o horário agenda- do para a entrevista.

Você tem de entrar fácil nas casas.

Raphaelle – O senhor é conhecido, e até temido, por essas observações rigorosas que o senhor tem das boas maneiras e das regras de etiqueta. Desde quando surgiu o interesse por essas regras do bem viver?

Lúcio – Foi no começo do jornal, que eu procurava dizer as coisas que eu achava... Por exemplo: quem pede a mão da noiva? Qualquer pessoa pode pedir a mão da noiva, menos o noivo. Por que o noivo não pode pedir a mão da noiva? Porque o noivo já pediu a mão da noiva à própria noiva. Geração para geração. Quem vai pedir a mão para o pai da noiva é o pai do noivo. Se morreu, vai o tio, o avô, o irmão, o professor... Eu tenho livros de etiqueta em francês, inglês, espanhol, eu fico relendo... Fico vendo aquelas situações e mudo muita coisa. Tu pensas que eu vou aceitar tudo que dizem?

Carol – Existe etiqueta no colunismo social? O que você condena e o que você aprova no colunismo social?

Lúcio – Não, não é bem assim, não. Olha bem, olha bem... Eu sou da etiqueta, mas etiqueta como função de fazer a vida melhor, não que você fique preso a preconceitos dessa ou daquela espécie. Uma das coisas, por exemplo, que não é bem etiqueta, mas que eu me bato, é a mania dos cearenses de querer derrubar os outros. Essa é uma das razões pela qual eu não vou a mais nada em Fortaleza. Nada. Meu último par de sapatos está aposentado. Então, me livre de tudo que é chatice... casamento... Eu vou, agora eu odeio sapato. Pois bem, o problema é o seguinte: o Ceará é uma terra muito pobre, você ganhar dinheiro aqui é um verdadeiro pecado, o pessoal procura derrubar.

Carol – Então, o que é um bom colunismo social?

Lúcio – É você saber tirar o melhor de todas as coisas e revelar, para o público, coisas positivas.

Liana – O senhor saiu de casa muito cedo,

"Se eu deixasse de ser colunista, eu iria sentir, mas não por perder os privilégios que a coluna oferece, mas porque eu gosto de fazer o que eu faço."

passou quase 30 anos no hotel Iracema Plaza. Primeiro num apartamento, o 715, durante cinco anos, e depois passou para a cobertura do prédio, que demorou uns cinco meses para ser reformada para o senhor entrar. Eu queria saber por que decidiu ir morar no hotel e, nesse hotel, o que fazia lá. Porque eu sei que o senhor fazia festas. De que forma essas festas pautavam o seu colunismo?

Lúcio – Eu dei uma festa numa quarta-feira santa, lá na minha cobertura, que eu fiz o seguinte: eu ia à casa de amigos meus e observava: falha tal, o empregado estava com o desodorante passado; o outro empregado estava de sandália mostrando os dedos, o que não é elegante; o copo estava com gosto de barata. Fiz uma lista, dei um coquetel na quarta-feira santa, na minha casa, e cometi todas as gafes. No dia seguinte, no jornal, condenei a mim mesmo, mas estava condenando a eles. E eles nunca puderam reagir em função de que eu cometi essas gafes todas propositais, para poder combatê-las. Isso é só um exemplo. Agora, o fato de eu ir morar lá em hotel era para facilitar o acolhimento. Lá em casa, na época, já tinha telefone e era um luxo a classe média ter telefone. Mas o telefone vivia ocupado, eram as minhas irmãs, e era pra lá e pra cá... Lá, não, eu tinha um telefone, tinha uma telefonista, que era a telefonista do hotel, que anotava os recados. Depois eu consegui, com a amizade com o dono do hotel, passar para a cobertura. Fiquei, no total, 26 anos nesse hotel.

Liana – Lúcio, ainda em relação às festas sociais que o senhor fazia na sua casa. Quais são os limites para que as coisas que acontecem ali, nesses eventos, entrem na sua pauta? Qual é o limite entre o que entra e o que não entra?

Lúcio – Eu sempre achei que colunista tem de criar assunto. Está sem assunto, cria. Essas festas eram motivos interessantíssimos para eu criar assunto. Pegava muito assunto, além do papo. Por exemplo, um industrial dizia assim: “Eu vou abrir uma empresa de algodão em Canindé”. Lá, eu tinha notícia. Porque o pessoal que frequentava era o que os argentinos chamam “*la crema de la crema*”. Além dos meus colegas de jornal, era o que havia de melhor na cidade. Eu recebia governadores, generais comandantes, recebia quase todos na minha casa. Era um foco de fonte. A festa não era só o lado mundano, não, era o lado também operacional. Peguei grandes furos lá.

Liana – Inclusive o senhor falou, em uma das entrevistas, que começou a ganhar um dinheiro que não sabia o que fazer com ele, então dava festas.

Lúcio – Foi o seguinte: eu fui nomeado para a Secretaria da Fazenda. Resolveram dar cotas aos funcionários burocráticos. O meu empre-

“Eu não sou excêntrico coisíssima nenhuma! Sou a pessoa mais comum que pode haver no mundo. Excêntrico é aquele que quer complicar, eu não...”

go, quer dizer, de 120 para 200, passou para mil. Porque a gente passou a ter cota. Era uma imoralidade, mas o que é que você podia fazer? Você não podia devolver aquilo. Depois, cortaram de novo. Era um dinheiro que eu nunca esperei que entrasse. E o que eu podia fazer com aquele dinheiro? Dar festas.

Anna – O senhor já se referiu a esse tempo como a melhor época da sua vida. O que exatamente fez dessa época a melhor da sua vida?

Lúcio – Eu tinha juventude e já era aceito como uma pessoa que podia ter opinião. Isso, para mim, foi importantíssimo. Não era mais “menino véi!”. O tempo do Iracema Plaza coincidiu com toda essa faixa de eu poder me considerar uma pessoa de opinião, encarada com seriedade. Não era mais aquele “menino véi” da (*Avenida*) Dom Luís.

Raphaelle – Lúcio, em relação à revista *Fame* que o senhor diz que foi a sua obra-prima. Por que a considera assim?

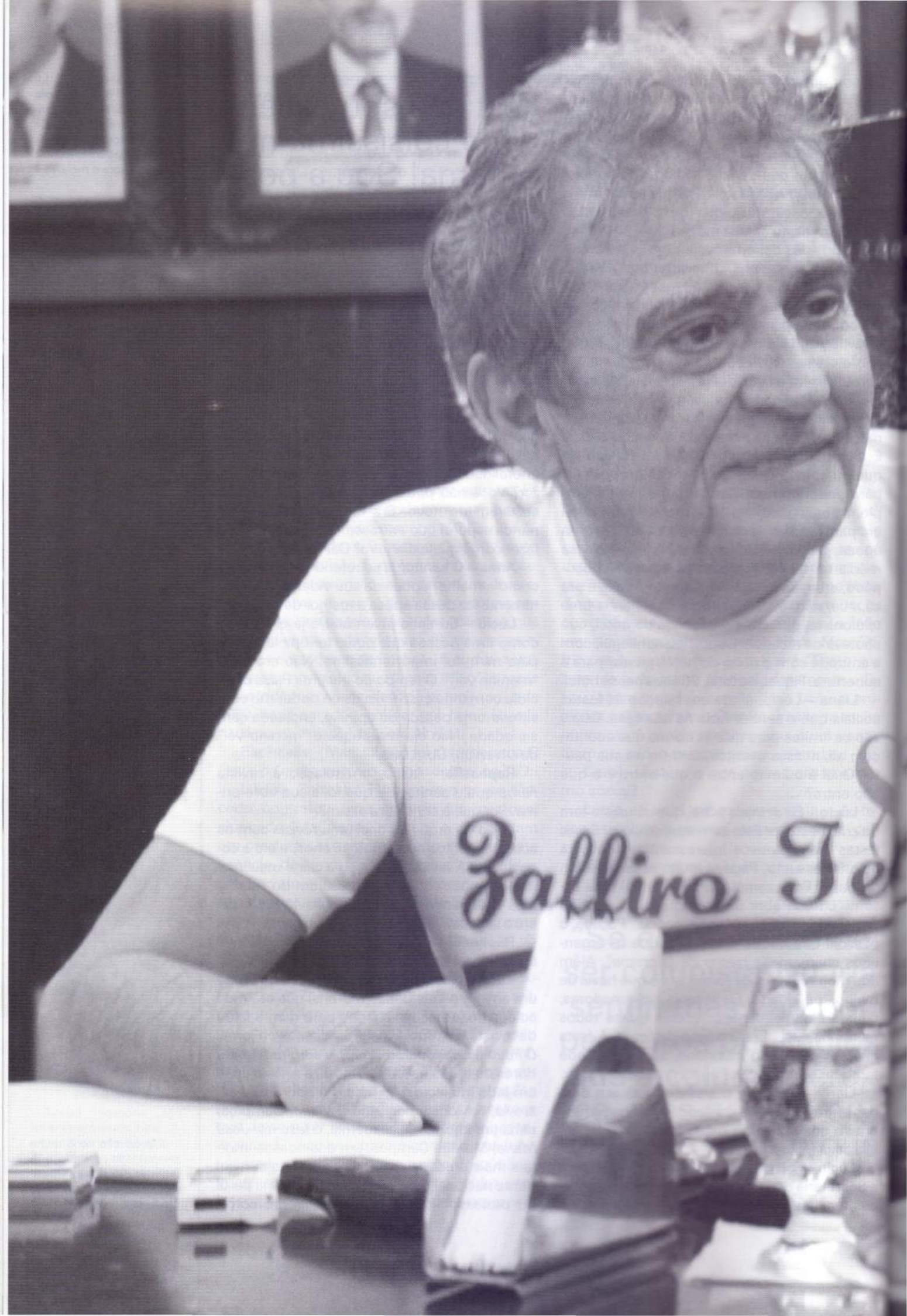
Lúcio – Porque eu criei uma revista com os acontecimentos que durou 15 anos, e era a coqueluche. A revista começou a cair e meu interesse também quando a passaram do sábado para o domingo, porque eu achava que o dia era o sábado... Fizeram sem me ouvir, na marra.

Raphaelle – Quando foi que surgiu o convite para fazer essa revista?

Lúcio – Não, não foi convite não... Eu tenho um amigo, o Luís Carlos Martins, que era meu colega no jornal, ele chegou para mim e falou da revista. Eu topei a ideia, apresentei ao jornal *O Povo* e eles toparam. Depois surgiram imitadores de todos os lados. Agora, a revista tinha um lado intelectual... Tinha um padre que escrevia, o Monsenhor (*André Viana*) Camurça; tinha um imortal da academia, o (*escritor José Maria*) Moreira Campos, um dos nossos imortais mais credenciados, chegou até a ser um nome nacional como contista; tinha uma parte do professor Itamar Espíndola, sobre corre-

No dia 25, Raphaelle foi acordada às 6h30min com uma ligação de Paco confirmando a entrevista. Ele disse que teríamos de reduzir o tempo do encontro para uma hora e meia.

A produção ficou muito preocupada com o ocorrido, mas o professor Ronaldo pediu calma. Seguimos em frente.



Zalliro Te



Com o tempo reduzido, foi preciso cortar alguns pontos da pauta. O desafio era compreender o maior número de temas em uma hora e 30 minutos de entrevista.

ções de Português para tentar fazer um Português mais limpo... Não era só o lado mundano, tinha essas facetas.

Raphaelle – Mas por que acabou?

Lúcio – Acabou porque o jornal achou que não estava rendendo o que se esperava financeiramente.

Raphaelle – Em alguns momentos, o senhor disse que essa publicação foi a precursora de outros cadernos, como o *People*, do *Jornal O Povo*, e o *Gente*, do *Diário do Nordeste*. Qual a importância dessa revista para o colunismo social cearense?

Lúcio – Olha, sempre defenderei que o jornal não é só desgraça, o jornal tem de apresentar coisas agradáveis. Esse caderno teve esse mérito de sábado e domingo, você pegar uma coisa agradável para ler. Não só o lado negativo que o jornal é obrigado a ter. Se eu for editor de jornal, eu tenho de explorar o lado negativo. Mas, o que eu quero dizer é que o público que adorava o *Fame*, e adora esses cadernos todos que sucederam o *Fame*, é porque eles podem apresentar o lado mais ameno. Daí foi o grande sucesso do *Fame* e dos cadernos. O grande trunfo do jornal é apresentar cada vez mais coisas que a televisão não possa. Porque notícia por notícia, a televisão ganha disparado. O jornal é produto da elite. A televisão é colocada na sala, como se fosse um móvel, um troço bonito. Ainda hoje, a minha paixão é mais o jornal, porque eu nasci lá e sinto que sou mais jornalista até mesmo do que apresentador de TV, mas não se pode desconhecer a força extraordinária da televisão.

Livia – Lúcio, o senhor falou que a notícia é muito difícil no colunismo social e a sua amiga Auxiliadora Carvalho falou que o senhor é um criador de clima social. Quais foram as ferramentas que foi desenvolvendo pra conseguir gerar as notícias no colunismo?

Lúcio – Eu fui pioneiro, no Brasil, da transformação da coluna eminentemente social do casamento, do noivado, do batizado, do almoço, para passar para temas mais gerais. Por exemplo, eu dei um furo da nomeação do cearense do ministério mais importante da República, que era o Ministério da Viação e Obras Públicas. A notícia foi de Brasília, mas eu dei o furo aqui. O doutor Parsival Barroso ia ser candidato a governador contra Virgílio Távora... Eu dei o furo aqui. O repórter político não tem acesso ao que nós, colunistas sociais, temos. Muitas vezes, nós estamos falando com o político, e ele não está pensando que o jornalista que está falando é colunista social. Se fosse o repórter político, ele se guardava. Como não é, ele se solta. Nós temos chances de grandes furos. Agora, quanto a criar o clima, sempre fui criador de clima e criador de notícias... Promovi grandes

Algumas pessoas da equipe chegaram ao Náutico preparadas para as horas de fome. Liana foi a mais prevenida: levou uma caixinha cheia de esfirras e kibes.

“Eu vou ser repetitivo. Me considero muito privilegiado pelos deuses na questão de talento. Eu tenho um poder de criação fantástico.”

coisas, grandes iniciativas no setor social.

Livia – E como o senhor conseguiu criar esse clima? Qual era o mecanismo que o senhor usava?

Lúcio – Eu vou ser repetitivo. Me considero muito privilegiado pelos deuses na questão de talento. Eu tenho um poder de criação fantástico. Jamais serei igual, posso até ser ruim, mas não serei igual a ninguém.

Gabriela – Lúcio, existem algumas críticas quanto ao colunismo social. Inclusive, o (*jornalista e professor*) Plínio Bortolotti, no tempo em que ele era ombudsman do jornal *O Povo*, escreveu algumas críticas e mencionou alguns textos da sua coluna. Como é que o senhor recebe esse tipo de crítica ainda mais dentro do jornal onde o senhor trabalha?

Lúcio – Ele não está ali não é pra isso? Ele tem de exercer o papel dele. Se a crítica dele influenciou a mim em alguma coisa, não sei, não posso dizer, mas ele está no papel dele e eu estou no meu. Eu tenho minhas próprias ideias a respeito das coisas. Hoje em dia, passado esse tempo todo, se eu deixasse de ser colunista, eu iria sentir, mas não por perder os privilégios que a coluna oferece, mas porque eu gosto de fazer o que eu faço, só por isso.

Raphaelle – E quais são esses privilégios que a coluna oferece?

Lúcio – Agora não mais, mas a gente recebia muita passagem aérea de graça, hotel no Rio de Janeiro... Eu estive, por exemplo, no Hotel Glória, que é o maior hotel do Brasil ainda hoje. Saí de lá porque quis. Eu não pagava nada lá, era convidado do dono, meu amigo. Então, facilidades. Por exemplo, Humberto Barreto, cearense, que chegou a ser porta-voz do presidente Ernesto Geisel, quando presidente da (*empresa de transporte aéreo*) TAM Brasil, eu não pagava passagem... Tem facilidades... Que tem, tem. Por exemplo, nos velhos tempos, hoje não porque esse não é mais meu assunto, mas se você noticiava o casa-

mento de alguém, o pai da noiva mandava o *champagne* no Natal, como agradecimento pelo carinho. Todo pai de noiva, no casamento da filha, acha que é um grande momento, e de fato é.

Raphaëlle – O Plínio Bortolotti, também no mesmo artigo sobre colonismo social mencionado pela Gabriela, falou que o colonismo social cearense precisava de uma renovação. O senhor acha que precisa mesmo dessa renovação? Que tipo de renovação o senhor acha que poderia ser feita?

Lúcio – O curso de jornalismo representou uma dobrada do caminho. Não se pode tirar um colunista social do curso de jornalismo. É uma outra coisa. O curso de jornalismo faz um tipo de coisa e os professores do curso de jornalismo são os mesmos. Você hoje, talvez, tenha dificuldade de distinguir um jornal de outro porque os professores foram os mesmos que ensinaram aqueles alunos a produzir. Você nunca vai encontrar num curso de jornalismo a produção de um colunista social. O colonismo social brotou por diversos fatores, às vezes porque a pessoa tem um relacionamento bom, nasceu muito bem situada na sociedade e isso facilitou o acesso, não é? Mas a coluna social, até admito que ela não seja tão bem aceita pelo jornalista padrão, tradicional. É uma coisa diferente, que a pessoa assina, que aparece o retrato. As pessoas falam desses privilégios que têm, que eu lhe confirmei. Mas não é nem o que eles pensam... É muito menos do que eles pensam.

Raphaëlle – O senhor acha que o colonismo é desvalorizado?

Lúcio – Não... Por certos profissionais, acho que sim. Não é que eles estejam certos ou errados, eles acham isso. É claro, sempre respeitei, a ideia deles é essa. Eu admito até que eu, com 55 anos de jornalismo, sendo o jornalista diário mais antigo do mundo, haja quem não me aceita ainda hoje. Porque eles acham que é outra coisa, tanto é assim que, sabendo da força da coluna social, da força de público, não existe uma cadeira de colonismo nos cursos de jornalismo. Adísia Sá (*jornalista e professora aposentada da UFC*) me disse uma vez que quis criar e os alunos foram contra. E ela foi a baluarte do (*curso de*) jornalismo.

Raphaëlle – Lúcio, mudando um pouco de assunto, em relação ao Ugarte, o senhor abriu o restaurante no Cumbuco, em 1983. Qual foi a motivação para abrir um restaurante num lugar distante do centro social de Fortaleza?

Lúcio – Eu não disse a você que seria um grande dono de restaurante? O Ugarte foi um primor. O Ugarte inovou aqui coisas que os outros não tiveram nem condições de imitar. Por exemplo, o casal chegava, o marido recebia o cardápio e a dama também recebia, mas sem

os preços. Ela não ia pagar, para que ela queria preço? Só tinha os pratos.

Raphaëlle – Por que o senhor resolveu abrir esse restaurante, e lá (*no Cumbuco*)?

Lúcio – Porque o Edson Queiroz (*empresário*) me explicou que ia abrir uma universidade pra tentar retribuir a chance que o Ceará deu a ele de desenvolver o talento que ele achava que tinha. Eu queria homenagear o Cumbuco pelo muito que o Cumbuco me deu e pela tranquilidade. Na época, por exemplo, eu não parava de espirrar. E você sabe que se a pessoa der 74 espirros seguidos, ela morre. Eu vivia com essa preocupação na cabeça. Lá, eu deixei de espirrar e por isso queria retribuir. Montei um restaurante que não deu lucro, mas também não deu prejuízo. Hoje em dia, só abre uma ou duas vezes por ano, porque muitos clientes se mudaram, outros morreram, outros o filho nasceu... Essa coisa. O restaurante só abria uma ou duas vezes por semana.

Raphaëlle – Por que o restaurante fechou?

Lúcio – Fechou não. Ele está aberto, ele está todo montado. Se eu quiser abrir amanhã, já abro. Agora, a clientela se dispersou. Pessoal que tinha casa lá vendeu a casa, a outra se chateou porque a filha apareceu com um nódulo não sei onde... Fiquei sem base. Era um restaurante muito bom, de alto nível e que eu revelei mais uma faceta minha que é a de *restaurateur* (*termo em francês para designar profissionais de restaurantes que exercem a função de gestores de seus próprios estabelecimentos*).

Camila – Lúcio, o Ugarte tem as mesmas funções que tinham as festas do Iracema Plaza?

Lúcio – Não... As festas do Iracema Plaza, eu bancava, eram os meus convidados. No Ugarte, as pessoas pagavam, essa era uma diferença fundamental...

Camila – Mas na questão das pautas para a coluna?

Lúcio – Não, não tinha nada a ver... O Ugarte era um restaurante como qualquer outro, só que era um restaurante cuidado, nós tinha-

“Se a sociedade cearense fosse composta só de Lúcio Brasileiro, eu nunca teria ido embora. O que faltou foi criatividade.”

Antes que Liana chegasse ao Náutico com esfirras, seu Avelino se antecipou e preparou salgadinhos e refrigerantes para oferecer à turma.

Quase toda a turma já estava acomodada na sala escolhida para a entrevista quando Lúcio chegou e pediu à Carol que a conversa fosse no salão principal do clube.

Todos foram ao encontro do entrevistado, que comia batatas e cenouras cozidas com azeite numa mesa no salão principal do Náutico.

mos as melhores coisas... Eu fiz um sistema lá que você podia gastar pouco e gastar muito. Nós tínhamos *champagne* francesa, mas tínhamos cachaça. Era para todos os tipos de público. E a verdade é que o pessoal acha que, como eu diminuí o ritmo... Abria todo sábado, hoje só abre uma ou duas vezes por ano. Mas não foi nada disso, eu diminuí o ritmo porque eu já não tenho mais saco pra ficar ali a noite toda esperando sair o último convidado, não dá mais. Eu não preciso. Pelo contrário, tenho muita alegria de ter criado o Ugarte e ele estar lá vivinho. Não está mais com aquela ênfase toda.

Liana – De acordo com a sua amiga Auxiliadora Carvalho, “o Lúcio nunca conseguiu se envolver com a cidade de Fortaleza. Ele é uma espécie de flâneur, que é uma palavra em francês pra dizer que você curte a cidade, mas não se envolve com ela”. Essa questão de você ter um certo distanciamento da cidade de Fortaleza foi um incentivo para você chegar até o Cumbuco? Como surgiu o Cumbuco na sua vida?

Lúcio – Eu não tolerava o costume que eles têm aqui de convidar sempre as mesmas turmas. Se eu ia a uma reunião e você já sabia quem ia encontrar, o que essa pessoa ia falar, que opinião ia desenvolver, então isso aí cansou, faltou criatividade. Se a sociedade cearense fosse composta só de Lúcio Brasileiro, eu nunca teria ido embora. O que faltou foi criatividade. Se você come um *filet* bom, pode se preparar para nos próximos seis anos comer aquele mesmo *filet* com aspargo até encher... Ninguém cria nada, é uma sociedade muito repetitiva. Além do mais, o meu pessoal partiu. Não tinha mais aquela época glamurosa que eu frequentei. A cidade perdeu o glamour. Hoje, tem uma nova geração boa, mas é uma geração que só aceita a própria geração. Veja num navio como é que um jovem conversa com um velho. Ele conversa assim (*Lúcio se levanta para imitar*). Ele tá conversando aqui, mas pronto para correr... Quando o velho dá uma folga, ele (*Lúcio faz gesto de fuga*). Porque não dá, a geração só pode conviver com a mesma geração. Não tem esse negócio de pai, mãe, avô... Quer um certo bem, mas não quer muito papo não (*risos*). Essa é que é a verdade, viu?

Gabriela – Em entrevista da produção com sua amiga Auxiliadora Carvalho, ela falou um pouco da ONG que o senhor tem no Cumbuco e da sua relação com os moradores de lá. Eu queria saber um pouco do senhor como é essa relação e como funciona essa ONG.

Lúcio – Eu não venho mais a Fortaleza, eu não conheço restaurante nenhum, só conheço quando vou gravar na televisão. Então, eu saindo da academia, que é no Icarai, eu vou para o Restaurante do Alemão, que eu chamo de “latada”, mas o nome não é esse. Eu não almoço

nem janto, faço só uma refeição. Pela manhã, tomo uma sopa. A relação (*com os moradores do Cumbuco*) é boa, mas não é íntima, porque eu não os recebo em casa nem frequente a casa deles. Eu não recebo mais ninguém porque a casa que eu tinha foi posta a baixo. Eu não queria mais receber ninguém. Agora, por exemplo, deve ser citado que eu tenho uma pequena ONG lá. Tem um número de crianças, que é perto de 150, que recebem por mês um farnel, pasta, escova, papel sanitário, sabonete e copo. São minhas amigas daqui que dão, inclusive a Auxiliadora. Eu não desembolso quase nada, elas me dão e eu organizo as cestas. O relacionamento é de bom nível. Agora, para o tempo em que eu estou lá, era para ser mais. Talvez eles achassem que a casa não pode receber ninguém onde eles moram, é tudo muito precário. Tenho um bom relacionamento, sei que eles têm um bom apreço por mim, eles sabem que eu tive um papel bom com o governador Cid (*Ferreira Gomes, que está no segundo mandato*) de dar um saneamento básico... No fim do ano, eu distribuo biscoito de Natal com eles... Tudo isso, os meus amigos é que me dão, mas o meu método não se extingue porque sou eu que coordeno tudo.

Gabriela – O senhor disse em um dos seus livros que merecia uma estátua na praça matriz do Cumbuco. Seria por todos esses feitos?

Lúcio – Seria pela minha fidelidade à praia, pelas coisas todas... Hoje eu não sei mais, talvez eu esteja exagerando, mas, durante anos, eu fui o único morador do Cumbuco, tirando os nativos. Isso representa alguma coisa, né? Hoje (*segunda-feira*), esse restaurante do qual eu falei fecha, mas todo dia eu estou lá. Então, essas pessoas, as garçonetes, só podem ter um apreço por mim, porque eu estou sempre lá. E eu estando lá, as pessoas vão chegando e aquela conta aumenta, a despesa vai aumentando. Eu sou muito ciente de que eu não posso desprezá-los. Quando alguém me convida

Ao encontrar a produção, Lúcio disse que a equipe podia dizer qual lugar era melhor: se ali ou na sala. A produção escolheu a sala.

“Eu sempre achei que colunista tem de criar assunto. Está sem assunto, cria. Essas festas eram motivos interessantíssimos para eu criar assunto.”



para cá, eu não vou... Porque eu vou deixar de almoçar no restaurante e ele vai fechar. Não quero que isso aconteça. Sou uma espécie de "chamarico", o pessoal me vê lá e senta, começa a bater um papo...

Cinara – Da alta sociedade de Fortaleza, cheia de etiquetas, passando pelo Cumbuco e vivendo com pessoas simples. Onde você se sente melhor?

Lúcio – Se você quer saber o que eu acho de alta sociedade... A alta sociedade é o requinte de atitudes, de ideias, é você ter uma linguagem bastante limpa, é você não querer derrubar ninguém, é você se condoer com o fracasso dos seus próprios inimigos. Se você quer saber – eu não vou definir alta sociedade –, vou dar um exemplo: a alta sociedade no Ceará sou eu. Lúcio Brasileiro é a alta sociedade. Eu me considero tudo isso. Quem, por exemplo, não pede dinheiro emprestado a ninguém? Quem não pede favor a ninguém? Quem não aparece na hora em que a pessoa está no pique? Quem não passa telegrama para o novo governador que chega, embora seja amigo? Quem não dá bola se o governador não telefonar? Eu mesmo não vou ligar para ele. Tudo isso é o que eu chamo de alta sociedade. Alta sociedade sou eu (*risos*).

Cinara – E no Cumbuco não tem alta sociedade?

Lúcio – No Cumbuco não tem, não. Nunca teve um milionário até hoje, graças a Deus, porque um milionário iria atrapalhar. A sorte do Cumbuco foi no começo ter sido habitado por pessoas que podiam ter uma casa de campo, mas não duas. Arquitetos, médicos, engenheiros, dentistas, médios empresários. Era o pessoal que tinha de prestigiar a praia porque podia ter uma casa e não podia ter duas. O milionário que tem uma casa em Guaramiranga (*município serrano a 100 quilômetros de Fortaleza*), tem uma fazenda em Quixadá (*município no sertão central a 160 quilômetros de Fortaleza*) e uma casa de praia, não vai a nenhuma. E aquilo dá um resultado equivocado de tudo. Então, nunca teve milionário lá, eu não conheci um só e eu estou lá desde 1979, já fez 30 anos.

George – O senhor é um jornalista extremamente multifacetado que já trabalhou em diferentes áreas do Jornalismo. Já trabalhou em rádio, na televisão, em jornal... Como é que o senhor faz para adaptar essa linguagem característica para essas diferentes mídias?

Lúcio – Só posso te responder que é com a maior tranquilidade, sem fazer esforço nenhum. Brota. Pode usar esse termo: brota. Simplesmente brota. Você algum dia vai ver uma carta minha... As minhas cartas são verdadeiros espetáculos, que mereciam um livro só com elas. Tem muita gente que junta em livro os cartões, as cartas... Para quando partir

Voltamos para o local escolhido anteriormente e começamos a entrevista. Após alguns minutos, notamos que havia um garçom do clube a postos para qualquer necessidade.

O professor Ronaldo interrompeu a entrevista duas vezes, alertando a turma para a necessidade de voltar à pauta, que já estava bastante "picotada".

Quando Lúcio disse que havia aposentado seu único par de sapatos, Anna o questionou sobre o tênis que ele usava. Ele se justificou dizendo que dali ia para a academia.

dessa, lancem qualquer coisa. (*As minhas cartas*) são muito boas, cheias de ideias, nada de repetitivo... É tudo para cima.

Carol – Lúcio, como o George falou, o senhor trabalha em rádio, TV, jornal... E por que não na Internet?

Lúcio – Nunca se falou nisso... Ninguém chegou para mim com alguma proposta real.

Carol – O senhor tem vontade ou não?

Lúcio – Nunca pensei, acho que não... Eu sou muito tradicionalista. Eu não aceito muito bem o que é moderno. Sou muito dos velhos tempos. Pra você ter uma ideia, eu não tenho computador, não tenho nada. Tenho, no meu escritório... Alguma coisa que eu nunca nem mexi... Acho que eu ganhei, me deram...

Raphaelle – Lúcio, em relação à aposentadoria, o senhor já pensou em parar?

Lúcio – Quando você é de outro setor do jornal, por exemplo, a reportagem, tem uma certa idade que você tem de parar. Por sorte, escolhi um ramo que você pode adentrar adiante. Eu não cogito nunca. Teria até um aspecto bom, porque eu penso muito em morar não no exterior, propriamente, mas em Ibiza, que é meu paraíso. Enquanto forem me dando trégua, eu tô aí. Nunca pensei em tirar o time de campo.

Anna – O senhor já disse uma vez que, através da TV, pretende se aproximar das classes D e E. Como é que essa aproximação se daria?

Lúcio – Sempre soube o seguinte: eu não posso noticiar na televisão que fulano de tal foi pra Europa. A não ser que eu adicione um conteúdo popular. Por exemplo: "Viajou ontem Europa Mário Assis, que foi comprar cem barcos para incrementar sua indústria de pesca no Aracati, passando a dar mais 50 mil empregos". Essa eu posso dar na televisão. A notícia mundana, não posso dar na televisão. Eu sempre soube isso. Tem colegas meus que davam e ainda dão até hoje... No jornal, você pode, porque é produto da elite. Na televisão não dá, porque você tem de dar a notícia que interesse ao Zé-Povinho... Essa é a meta. É a classe que você falou, D e E. É o assunto que você traz. Eu posso, por exemplo, chegar e

"Porque televisão precisa de uma coisa que eu tenho, é o charme pessoal. Pode ser bonito ou feio, pode ser feio e ter charme."

Enquanto falava sobre o livro *Sociedade Cearense*, Lúcio pediu ao garçom que procurasse um exemplar do clube. Depois de algumas tentativas, o livro foi encontrado.

dizer que "escovar os dentes dessa maneira evitará que no futuro você terá AVC (*Acidente Vascular Cerebral*)". Essa eu posso dar na televisão porque interessa à coletividade. Mas eu não posso dar que o doutor fulano de tal foi participar de um congresso em Madrid sem atrelar a essa notícia, uma notícia coletiva. Televisão é uma coisa diferente.

Lívia – E por que você, que sempre circulou nessas altas rodas da elite, quis se voltar para esse público?

Lúcio – Porque eu quero ficar até o fim. Não quero ser superado pelos acontecimentos. A coluna social cearense hoje está passando pela fase melhor de toda a história. Não só nós, os diaristas, as três moças, Regina, Sônia, Lêda (*ele se refere às jornalistas e colunistas sociais Regina Marshall e Lêda Maria, do Diário do Nordeste, e Sônia Pinheiro, de O Povo*) e eu, como os que escrevem por semana. É uma excelente produção, e os jornais devem ser gratos a todos nós pelo que nós acarretamos em prestígio para o jornal e (*para o*) leitor.

Lívia – Mas a sociedade cearense perdeu o glamour?

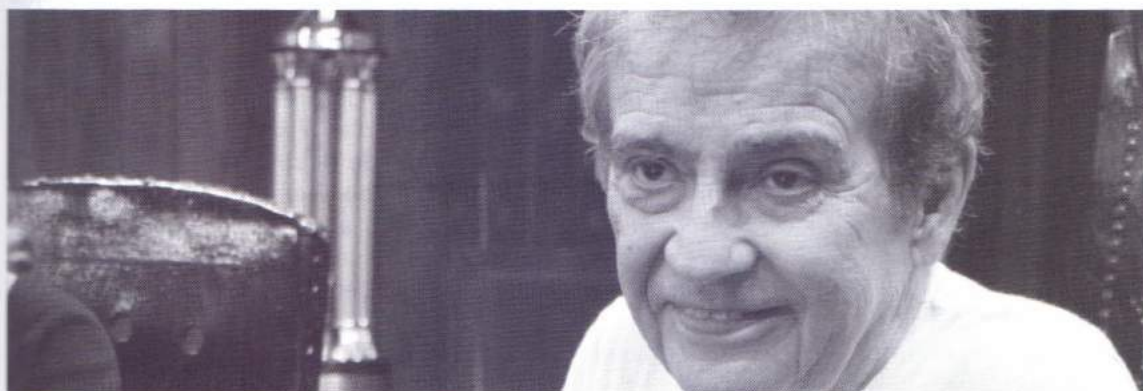
Lúcio – Você tem de olhar pelo seguinte: eu sou muito perfeccionista. Talvez colegas meus não achem que a sociedade perdeu o glamour. Para mim, acho que perdeu muito. Pessoas desapareceram, pessoas envelheceram, pessoas não estão mais com aquele potencial econômico que tiveram um dia... Mesmo assim, a coluna nunca esteve tão forte como hoje. A coluna social cearense, além de ser hoje a mais categorizada do Brasil, nunca esteve tão forte.

Gabriela – A produção fez uma entrevista com o seu amigo, Sabino Henrique, e perguntou se ele ficava com receio de cometer alguma gafe na frente do senhor pela sua preocupação com etiqueta. E ele respondeu o seguinte: "Não diria gafe ou medo, mas o Lúcio é uma pessoa excêntrica e, por ser uma pessoa excêntrica, você está sujeito a qualquer momento a sentir o impacto das excêntridades dele, e as pessoas que não o conhecem se assustam e ficam apavoradas. Nós já temos aquilo como normalidade". O senhor se considera uma pessoa excêntrica? Por que seus amigos lhe caracterizam assim?

Lúcio – Eu não tenho o que dizer. O Sabino, meu amigo, meu compadre, disse uma bobagem. Eu não sou excêntrico coisíssima nenhuma! Sou a pessoa mais comum que pode haver no mundo. Excêntrico é aquele que quer complicar, eu não... Eu quero é facilitar a vida de todo mundo (*risos*).

Cinara – Por que o senhor acha que tanta gente destaca a sua excêntridade?

Lúcio – Porque não têm o que dizer. Acham essa palavra bonita (*risos de todos*). Sou excêntrico coisa nenhuma! Tem um jornalista de



Recife que, quando fiz jubileu de esmeraldas, escreveu: "Lúcio Brasileiro é uma figura excêntrica, mas a excentricidade faz bem a ele, o torna mais agradável.". Botaram até isso... Quando excêntrico é a pessoa que choca.

— **Cinara** – O senhor acha que não choca?

— **Lúcio** – Não. Nada... Você acha que eu choco?

— **Cinara** – Acho (*risos de todos*).

— **Liana** – Newton, Lúcio, Paco. Como surgem e como são administrados esses vários "eus", essas personas de Lúcio Brasileiro?

— **Lúcio** – Hoje em dia, o nome que eu prefiro é Paco porque é o nome espanhol. É o Chico, em espanhol. Foi o próprio pessoal do hotel que eu habito lá que disse, "olha, *seu* Francisco, o senhor deve usar Paco". Meu nome mesmo é Cavalcante, mas lá eles não dizem Cavalcante. Como minha mãe é Quezado de lá, eu adotei esse nome Paco que é o que eu gosto mais. O nome Quezado, quando me chamam por ele, eu já sei: são colegas do colégio Cearense ou do Salesiano. A minha família ainda é Newton. E tem colegas meus, por exemplo, o (*jornalista*) Frota Neto, que me chamam de Francisco. (*Os nomes*) foram surgindo... Lúcio, já lhe disse, foi batizado do jornal. Newton foi batizado mesmo. Paco foi porque o pessoal do hotel achou que eu devia usar Paco. Quezado é o nome da minha mãe.

— **Gabriela** – O que o Paco tem de tão peculiar? Tem alguma relação com o pessoal do hotel com que você se identifica muito?

— **Lúcio** – Não, é porque eu não gosto de

mudar as coisas... Eu gosto de mudar o nome das pessoas, agora, das coisas, não. Eu, por exemplo, estou hospedado lá e sou móveis e utensílios. Tive, uma vez, um problema de saúde e de meia em meia hora ia um me visitar. É o único lugar onde eu sei que terei uma missa de sétimo dia quando partir. O pessoal do hotel Colón, de Barcelona, pelo que eles demonstram de apreço por mim. E inclusive descobriram que eu sou o único hóspede que baixa o elevador quando sobe. Vocês mesmos devem reparar que, quando chegam no seu piso, vocês saem e vão embora para o apartamento. Eu não, eu baixo o zero pra ajudar o hotel. Eles dizem que nunca ninguém fez isso, só eu. Sou tido como pessoa deles. Sou uma pessoa tão agradável e leve que se uma pessoa não gostar de mim é muito mau caráter ou doido. Pode dizer, foi o próprio Lúcio Brasileiro que disse em uma entrevista para nós (*risos de todos*). (*Sou uma*) pessoa que não fala mal de ninguém, não chega na hora da bonança, mas também não chega na hora da desgraça. Se ganhou na loteria, eu não apareço, se não ganhou, também não apareço... Eu não ligo pra ninguém, pra ninguém. Pergunte ao Sabino. Ele liga pra mim, mas eu não ligo pra ele. Não vou a enterro, não vou a casamento, não peço nada a ninguém... Nada! Olhe, um dos meus melhores amigos é um dos homens mais ricos do Ceará: José Macêdo. Se eu precisar de um sanduíche de queijo para não morrer de fome, eu morro de fome porque eu não peço. Isso é meu. Não dou trabalho a ninguém!

Para nossa surpresa, no meio da entrevista, o garçom levou salgadinhos e refrigerantes para os alunos e, para Lúcio, um prato com mais batatas e cenouras.

Lúcio gesticulava muito e batia na mesa para dar ênfase ao que dizia. A certa altura, chegou a levantar e dramatizar um episódio.

Após a entrevista, o garçom que nos serviu procurou a produção para contar que havia trabalhado com o entrevistado, no Ugarte. Para ele, o melhor padrão que já teve.

Liana – Lúcio, permita-me uma citação: “Não tive filhos e não permiti a nenhuma criação o legado da nossa miséria”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Você, admirador de Machado de Assis, e autor da frase “A família é a ditadura do afeto”. Por que Lúcio Brasileiro tem orgulho de não ter tido filhos?

Lúcio – Porque eu sou totalmente desenganoado com esse negócio de filhos. Eu não seria capaz de assumir emoções. Eu tive um colega meu, a gente estava no Ideal, batendo um papo e, no auge do papo, telefonou um delegado: “Venha soltar o seu irmão que foi preso com maconha”. Eu, sair de um papo pra soltar irmão ou filho? Eu não me considero péssimo, apenas ruim. Péssimo nunca! Agora, eu ir soltar? Não ia nunca. Vejo tanta coisa... Pais ajustadíssimos com filhos que são verdadeiras porcarias, verdadeiros torpedos de ignorância, de mau comportamento. Eu parto do princípio também de que eu não pedi para nascer, então para mim tem de ser tudo do bom. Não pode andar sacrificando... “Ah, porque é seu filho...” Não, não, não! De jeito nenhum. É por isso que eu botei no meu livro. Essa frase é a minha melhor frase: “A família é a ditadura do afeto”. Você é obrigado a querer bem à pessoa, embora sempre fui muito satisfeito com meus pais, sobretudo com minha mãe... Vocês brigam para eleger o prefeito de uma cidade cretina como Fortaleza e, no entanto, você não elege pai e mãe, que é a coisa mais preciosa que você tem. Deus, que é tão poderoso, poderia ter botado, assim como a gente vai testemunhar quando se é vítima de um assalto. Você vai na polícia e eles botam um vidro para que o suspeito não lhe veja. Pai e mãe deviam ser escolhidos assim. Você escolheria pai e mãe (*batendo na mesa*)! Daí nasceu a frase: “A família é a ditadura do afeto”. É um amor que você não tem nada a ver, lhe impuseram esse amor.

Gabriela – Lúcio, em entrevista com seu irmão Neno, ele disse que o senhor era muito próximo das suas irmãs e da sua mãe. Então, essa ditadura já lhe dominou alguma vez?

Lúcio – Repara bem: adoro minhas irmãs porque elas têm uma coisa que eu também tenho, que é se contentar com pouco. Quando a gente morava na Aurora, nosso pai dava um guaraná champagne que era o que havia de melhor na cidade. E dava também um biscoito e alguma outra coisa. Minhas irmãs ficavam felicíssimas. Essa era a grande coisa da nossa família, se contentar com muito pouca coisa. Eu me dou muito com minhas irmãs. Três moram em Brasília, só tem uma morando aqui. Mas eu já disse pro Neno: “Meu irmão, eu quero muito bem a você. Se você não fosse meu irmão, eu ainda queria mais bem ainda a você!” (*risos de todos*). É agravante ter irmãos (*ri falgosamente*).

Raphaelle – A Auxiliadora e o Sabino Henrique, assim como o Neno, destacaram uma característica do senhor que é de não falar mal. É um colunista social que não fala mal. Mas já aconteceram alguns episódios em que o senhor quase levou uma surra, como, por exemplo, no Náutico e quando precisou pular de um andar para o outro no Iracema Plaza. Como foi isso se o senhor não fala mal? Por que isso aconteceu?

Lúcio – O Náutico foi uma nota que eu dei no CPOR (*Centro de Preparação de Oficiais da Reserva*). Escrevi que um colega meu era candidato a miss CPOR, e eu botei miss bicho. Na época, não havia a palavra bicha pra designar o gay. Ele foi no Náutico para me dar uma surra e eu escapei por um milímetro, com muita habilidade, no dia 17 de dezembro de 1955. Primeiro baile de debutantes do Náutico. Foi na porta do clube. E eu procurei o diretor que conhecia... Tem aquele pensamento, que eu gostaria que fosse meu: “Quando você precisa de um amigo, então vai descobrir que ele foi passar o fim de semana fora” (*risos*). Pois bem, e a outra foi uma nota besta de um casamento. O noivo achou que eu queria dizer que tinha sido casamento na polícia, pressionado, invadiu meu quarto e eu pulei. Você me pergunta: “Você sabia que tinha o aparador no quinto andar?” Sabia, mas na hora não pensei não.

Raphaelle – O senhor pulou para escapar...

Lúcio – Pulei, pularia... Na hora não pensei que tivesse, mas tinha um aparato no quinto andar. Não pensei na hora, pulei mesmo (*risos*).

Anna – O senhor já declarou várias vezes a sua paixão pelo filme *Casablanca* (EUA – 1942. *Direção: Michael Curtiz*). Estou querendo saber quais são as recordações que esse filme traz para o senhor.

Lúcio – Porque foi passado numa época muito intranquila. Naquela época, a turma do Hitler estava dominando a situação. Tanto é que a versão a cores nunca emplacou porque o filme é em preto e branco por causa da tensão do Ritz Café. E há outras coisas... Ela (*Ingrid Bergman*) era minha atriz favorita e ele (*Humphrey Bogart*) meu ator favorito. O *casting* é espetacular, foi considerado o maior de todos os tempos. E depois o final que eles iam filmar era convencional, em que ela iria ficar com o Bogart e o marido ia só pra América e depois resolveram filmar a que salvou o filme, que é ela sacrificando-se, indo com o marido, e ele ficando só. Os dois se sacrificam. Porque nenhum filme que termina os dois juntos o público gosta. O povo quer sangue, quer tragédia. Mas não é meu filme favorito não, é um dos meus filmes favoritos. Tem, inclusive, os filmes do Bruce Lee (*ator, artista e lutador marcial, filósofo, diretor e roteirista e mestre em artes marciais, nascido em São Francisco-EUA*).

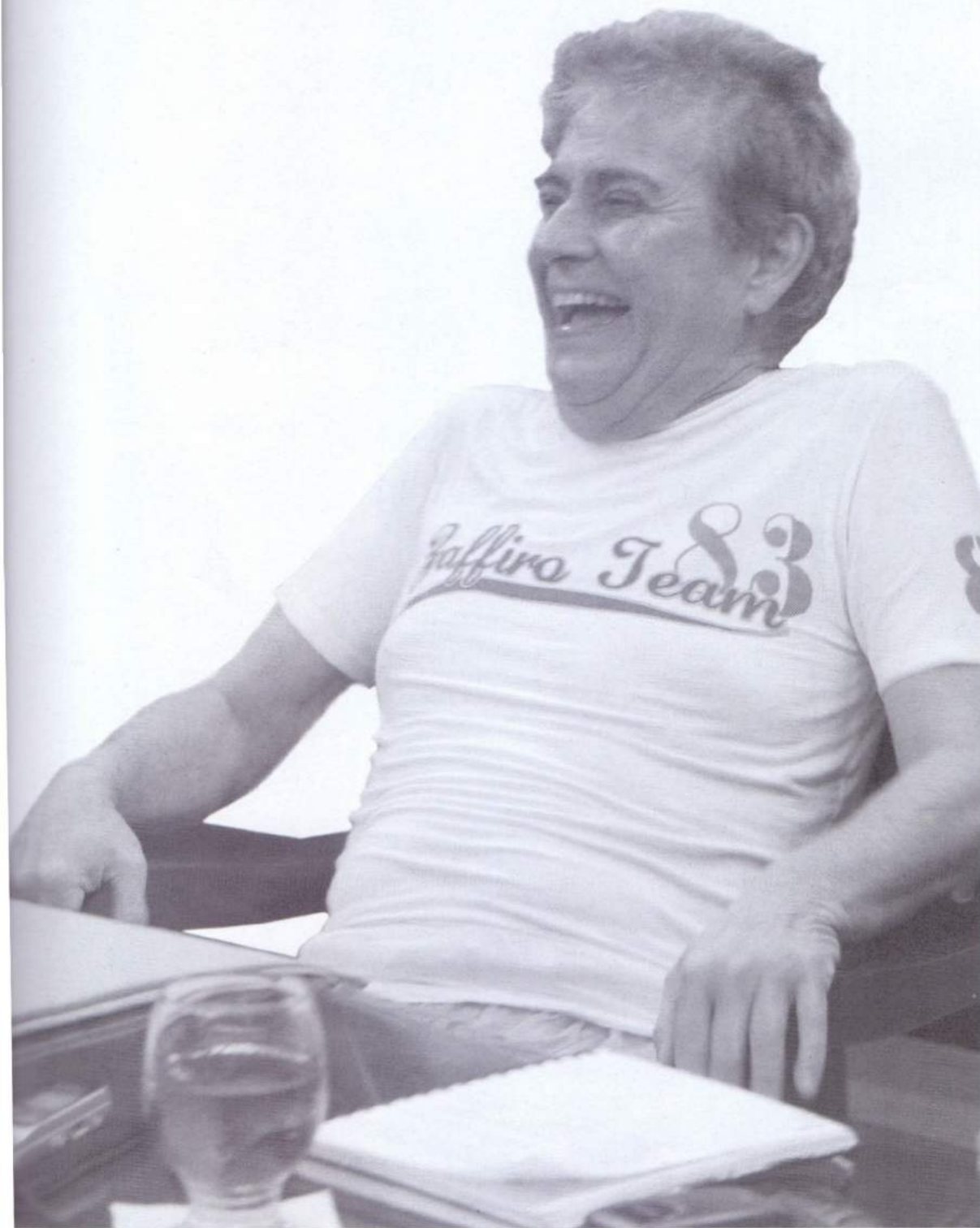
No dia seguinte à entrevista, Raphaelle foi surpreendida com uma ligação de Lúcio às 7h30min. O entrevistado queria pegar os nomes de todos que tinham participado da conversa, inclusive a fotógrafa e o professor.

em 1940 e falecido em Hong Kong em 1973) de quem eu sou fã, sou autoridade em Bruce Lee, que morreu mal porque ficou rico e paranoico. Mas os quatro filmes que ele fez na China são fantasticamente bons. Todos os quatro. E também tem *O Terceiro Homem* (Inglaterra-1949. Direção: Carol Reed, com Orson Welles), passado nas ruínas de Viena, onde o Orson Welles criou uma frase maravilhosa que diz: "A Itália com os Bórgia foram séculos de terror, desfeitas e ditaduras, em compensação nos deu Michelangelo. E o que 500 anos de democracia e paz produzi-

ram na fraternal Suíça? O relógio cuco." (na verdade, a frase correta é: "Na Itália, por trinta anos sob os Bórgias, eles tiveram guerra, terror, assassinato e derramamento de sangue, mas produziram Michelangelo, Leonardo da Vinci e a Renascença. Na Suíça, eles tiveram amor fraternal, quinhentos anos de democracia e paz, e o que eles produziram? O relógio cuco.") (risos).

Bem, espero que eu tenha correspondido mais ou menos, também não dá pra corresponder totalmente não. Vamos nos contentar com as frações!

Na segunda ligação pós-entrevista, Lúcio queria saber as impressões da produção sobre a conversa. Raphaelle ficou surpresa e, a princípio, não sabia o que responder. Ele combinou ligar novamente em meia hora. Foi o tempo necessário para falar com Anna e, juntas, destacarem algumas partes da entrevista.



Dias depois, Lúcio mencionou a entrevista em duas de suas colunas: na primeira, citou o nome de cada entrevistador; na segunda, apontou os melhores momentos do encontro.